

O Museu de Cerâmica Popular Portuguesa

SERÁ UMA REALIDADE PORQUE ERA
E É DE FACTO DESEJADO POR MUITOS

POR
EUGÉNIO LAPA CARNEIRO

MUSEU DE CERÂMICA POPULAR PORTUGUESA
B A R C E L O S / 1 9 6 9

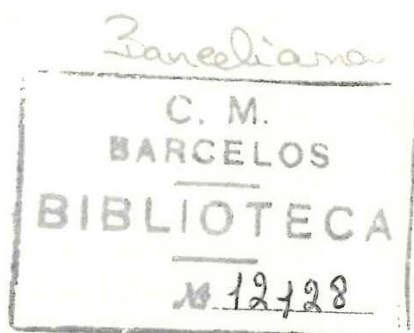


)
9(469.12)MCP(0.
AR

O Museu de Cerâmica Popular Portuguesa

SERÁ UMA REALIDADE PORQUE ERA
E É DE FACTO DESEJADO POR MUITOS

POR
EUGÉNIO LAPA CARNEIRO



MUSEU DE CERÂMICA POPULAR PORTUGUESA
B A R C E L O S / 1 9 6 9

O Museu de Cerâmica Popular Portuguesa

COM UMA REALIDADE PORTUGUESA
E O FACTO DESLADO POR MUITOS

COMO UM LIVRO DE BREVETADO

Separata do «Jornal de Barcelos», n.º 985 (6-3-69) e 986 (13-3-69)
Arranjo gráfico do Escultor Zulmiro de Carvalho
Gravuras de Simão Guimarães, Filhos, Limitada — Porto
Composto e impresso na Editora Poveira — Póvoa de Varzim



UITO contra o que eu desejaria, o Sr. João Macedo Correia quis no seu artigo de 30 de Janeiro (1) enaltecer a acção do conservador do Museu de Cerâmica Popular Portuguesa. Num terreno onde, pelos vistos, difficilmente podemos um e outro chegar a acordo, a importância do assunto de modo nenhum justificava a discussão, e eu não viria agora avivar o que sinceramente desejava esquecido, se o meu Amigo João Macedo Correia não attribuisse a outro meu Amigo, José Rosa de Araújo, a «injustiça» de ter omitido o nome do conservador do Museu de Cerâmica Popular Portuguesa na reportagem que publicou n'«O Comércio do Porto» (2). Assim, sou constrangido a um esclarecimento :

Não porque suponha que quem falar do Museu de Cerâmica Popular Portuguesa tem por força de se referir a mim, mas porque José Rosa de Araújo me distingue com a sua amizade, — quando o devotado estudioso das antiguidades e dos costumes de Viana preparava a referida reportagem, escrevi-lhe duas breves regras pedindo-lhe o favor de calar o meu nome.

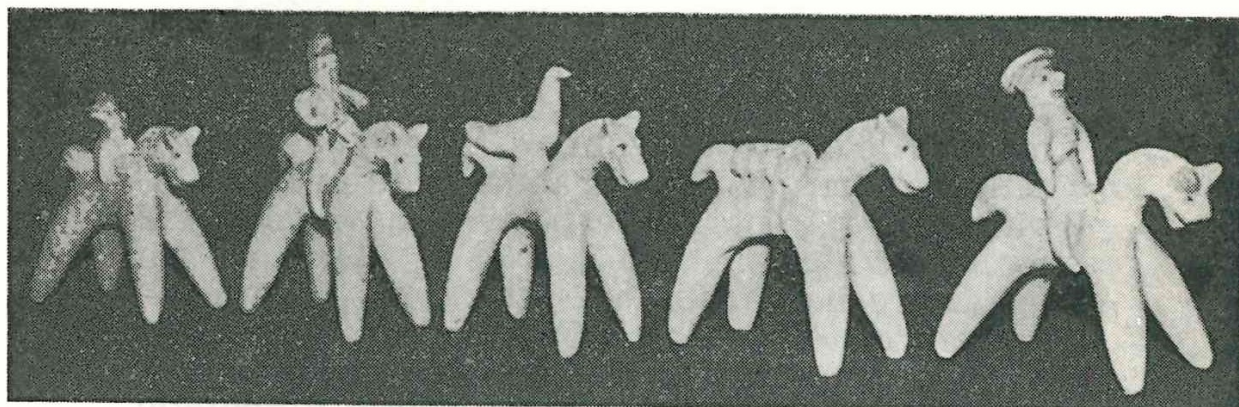
A amizade (tenho agora dobradas razões para crê-lo) muitas vezes nos priva da ideal isenção, impedindo-nos de ver as coisas com a objectividade conveniente nas apreciações que se destinam à estampa. Por isso é que o juízo que de nós fazem os nossos amigos quase nunca é aceite pelos outros sem reservas. Esta era, ao que julgo, uma razão sufficiente para pedir a José Rosa de Araújo que não falasse de mim na reportagem... mas, confesso, não foi a principal.

É claro que considero o Museu de Cerâmica Popular Portuguesa — aquilo que ele pode ser, aquilo de que já existe o embrião — uma coisa importante para Barcelos e para o País.

Ninguém ignora o papel que os museus são hoje chamados a desempenhar, — como centros de investigação científica, como centros difusores de cultura, como estabelecimentos coadjuvantes das escolas, como atractivos turísticos. E quem, no que diz respeito a museus, está aqui em Portugal atento ao que por esse mundo se passa, não deixará de sentir como, apesar de tudo, somos pobres... Não só pelo número, não só pelo tamanho, também, e sobretudo, parece-me, pela instalação, pela organização, pela qualidade. Barcelos, por exemplo, tendo três museus(3)... (sejamos francos :) não tem um museu.

Penso que desse atraso podemos tirar agora uma vantagem: Uma planificação maleável, capaz de se ajustar às oportunidades que se forem deparando, permitir-nos-ia ir direitos a orientações modernas, coisa que, nos países onde há muitos e antigos museus regionais, se consegue à custa de trabalhosas transformações.

A Alemanha é um país com centenas de museus locais e regionais fundados no século passado, como reflexo da sede de cultura da burguesia ascendente. Lembranças de viagens, colecções de ciências naturais, colecções etnográficas, antiguidades, objectos ligados à história da cidade, obras de arte, tudo isso, e mais e mais, ajuntavam os beneméritos organizadores. Como se depreende, eram, na maior parte, museus pouco individualizados, ao mesmo tempo heterogéneos e limitados, e na sua evolução, condicionada por vários factores (principalmente, espaço geográfico e cultural, e natureza das colecções), um momento chegou em que, reconhecida a ineficácia de tais museus como centros de cultura e de atracção turística, se tornou inevitável atribuir-lhes objectivos diferentes dos iniciais, imprimir-lhes uma feição nova: a dos nossos dias. Em muitos



Retirantes—Rio Grande do Norte, Brasil—Coleção Nóbrega Fontes

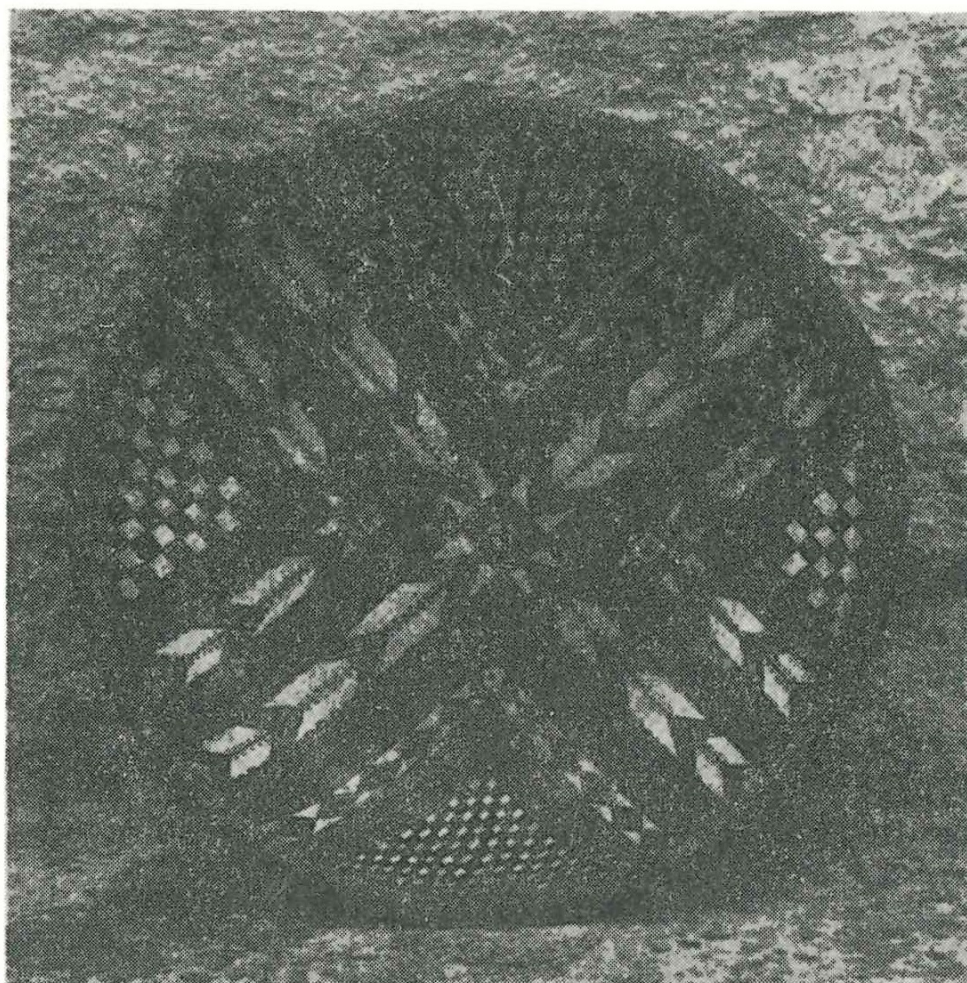


Solange Parvaux: «Nenhuma cidade, melhor que Barcelos, podia pretender receber um Museu de Cerâmica Popular»

casos, promoveu-se a sua especialização com base nas características mais sobressalientes das respectivas regiões, tendo assim surgido museus de olaria (Siegburg, Langerwehe, Creussen), de ferrajaria e serralharia, de papéis pintados, de relojoaria, de pesca e navegação, de joalharia, etc.(4).

Entre nós, medidas legislativas promulgadas em 1965(5) tentam pôr cobro aos caprichismos dos ajuntadores de tudo e de coisa nenhuma, e constituem o reconhecimento oficial de que urge dar aos museus uma solidez, uma estrutura, um dinamismo, uma vida, um modo de actuar, de chamar, de atrair, de mostrar, de esclarecer, de ensinar, que verdadeiramente se traduza no integral aproveitamento das suas possibilidades. Suficientes tais medidas? Disso não trato agora. Inegável é que uma transformação se produziu: Sem falar dos museus nacionais (só o de Etnologia do Ultramar daria pano para mangas, concebido como foi com um saber e uma grandeza que desde já o projectam no mundo e no futuro), e pelo que vamos vendo na imprensa, parece que as mais recentes iniciativas de fundação e de reorganização de museus — Museu de Etnografia e História de Braga, Museu Etnográfico e Arqueológico da Nazaré, Museu do Povo da Beira, de Viseu, Museu Marítimo de Ílhavo, Museu Santos Rocha, da Figueira da Foz, Museu de Ovar, etc. — vêm animadas de uma vontade e de uma segurança que prenunciam a viragem. Barcelos, ansiosa de alinhar entre as cidades progressivas, por certo saberá também olhar o seu museu com outros olhos.

O Museu de Cerâmica Popular Portuguesa é já um museuzinho especializado, e por isso não será difícil dotar Barcelos de um museu moderno em todos os sentidos, tanto mais que não existe no País outro museu unicamente dedicado às olarias, lacuna muitíssimo



Olaria berbère argelina. Mlle. Solange Parvaux diz-nos que vai procurar trazer algumas peças para o museu. Ao menos do ponto de vista didáctico, seria interessante juntar e expor não só olarias que têm pontos de contacto com as portuguesas, mas também outras.

de lamentar no «novo mundo da cerâmica», expressão com que Jacquemart(6) queria, se bem leio, acentuar de uma penada a riqueza e a variedade da cerâmica portuguesa, e a nossa negligência em estudá-la, conhecê-la e dá-la a conhecer. Ao mesmo tempo, um louvor e uma censura.

Na Bélgica «a política dos poderes públicos procura limitar o número de novos museus», o que tem como consequência ser autorizada a criação de qualquer novo museu só quando fortes razões, sobretudo de carácter histórico, a justificam. Dentro de um tal rigor, porém, atendendo ao papel que a pequena aldeia de Raeren desempenhou na história dos grés, desde o séc. XV ao séc. XVIII, surgiu aí um exemplar Museu de Cerâmica(7).

A direcção que tomaram estas considerações não divergirá muito do prometido esclarecimento? Eu gostaria de mostrar que sobre a utilidade e necessidade do Museu de Cerâmica todos têm sido unânimes, e apresentei tão-só um dos modos como, a meu ver, a questão se pode pôr.

Seria descabido, aliás, nas dimensões de um artigo, abonar a referida unanimidade com fartas transcrições. Lembro apenas as palavras que Solange Parvaux — Professora da Faculdade Francesa de Argel, autora do sério e sólido livro *La Céramique Populaire du Haut-Alentejo*, e conhecedora como pouquíssimos das nossas olarias — pronunciou aqui na Câmara Municipal, em 27 de Setembro do ano transacto(8), e sobre as quais por certo os barcelenses ponderaram bem:

«Nenhuma cidade, melhor que Barcelos, podia pretender receber um Museu de Cerâmica Popular. Existem, é verdade, secções de cerâmica noutros museus de Lisboa, do Porto e de outras sedes de distrito, mas nenhuma delas consegue apresentar toda a cerâmica

fabricada em Portugal. Era uma lacuna. Este museu de Barcelos poderá ser um museu vivo porque está vinculado no meio de uma zona de olaria, e poderá pretender receber muitas visitas de turistas, por ser também Barcelos uma região de turismo no coração do Minho. Com certeza será um museu vivo e também um museu útil, porque salvará do esquecimento esta importante actividade humana, depois do seu desaparecimento, que desejo o mais tarde possível, mas que é inelutável. Oxalá os meus antepassados tivessem tido a mesma preocupação com este artesanato quase esquecido hoje no meu país !»

O Museu de Cerâmica é um museu útil. Com certeza será um museu vivo. Por palavras e por obras, é o que muitas pessoas incontroversamente autorizadas têm dito.



Nóbrega Fontes junto de algumas peças da sua colecção, constituída por centenas de figuras das mais variadas procedências. Aqui vêem-se algumas peruanas (A), chilenas (B) e brasileiras, estas do célebre Mestre Vitalino de Caruaru

NEM todos os museus são úteis. Não é um museu qualquer que inspira a confiança suficiente para que as pessoas se aventurem a dizer dele: pode ser vivo.

A boa-vontade, a solicitude com que tantas pessoas inquestionavelmente qualificadas têm procurado servir o Museu de Cerâmica Popular Portuguesa acho que, bem traduzida, significa uma confirmação das palavras de Solange Parvaux: O Museu de Cerâmica é um museu útil. Pode ser um museu vivo. A sua criação foi oportuníssima. Nenhum outro lugar melhor lhe convinha.

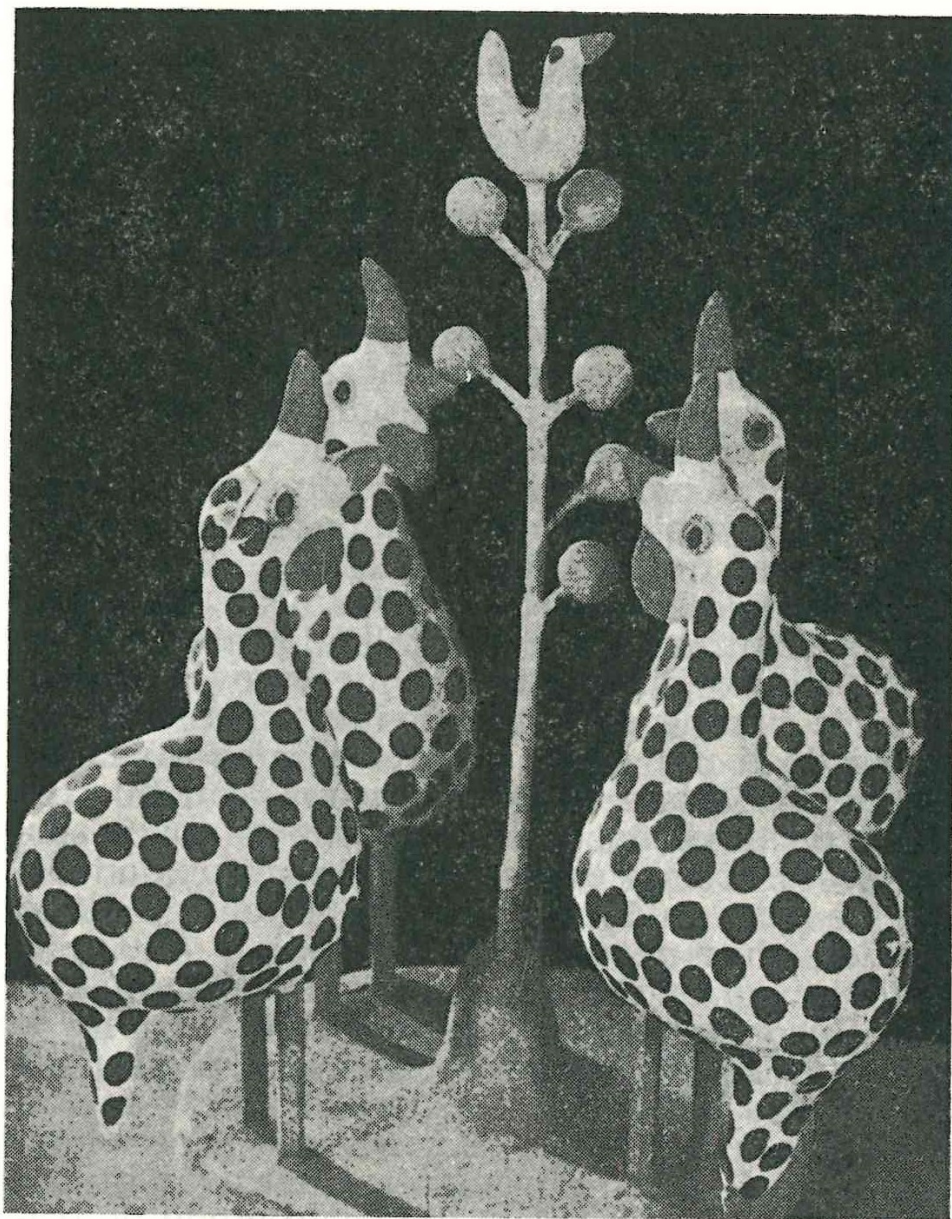
João Macedo Correia cita a Fundação Calouste Gulbenkian, o Governador-Geral de Angola, o Dr. Eduíno Borges Garcia, o folclorista brasileiro António Augusto Nóbrega Fontes. Pois, pois: o gesto de Nóbrega Fontes, paradigma dos que veridicamente cimentam alicerces da almejada comunidade luso-brasileira, a devoção de Borges Garcia, a simpatia do Governador-Geral de Angola, a compreensão e a liberalidade da Fundação Calouste Gulbenkian. Podia citar também o Prof. Orlando Brandão, Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, o Dr. Francisco Carreiro da Costa, Presidente da Comissão Regional de Turismo das Ilhas de S. Miguel e de Santa Maria, e os ceramistas micaelenses António Martins Vieira, João Leite e Luís Gouveia. Agora, podia citar ainda as autoridades distritais e municipais de Beja: Dr. José Gonçalves Fagulha, Eng.º António da Fonseca Leal de Oliveira e Dr. Fernando Nunes Ribeiro, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente da Junta Distrital, e Presidente da Câmara Municipal, — que deram concludentes provas de estarem empenhadas em completar a nossa colecção de olarias bejenses e beringeiras. O Dr. Fernando Nunes Ribeiro sobreexcedeu tudo o que

podíamos esperar: recebeu-nos fidalgamente e, além das ofertas oficiais, fez diligências e ofertas particulares (destacando-se destas a de um precioso pipo de barro, para aguardente). Agora — não param as demonstrações de interesse pelo museu, — podia acrescentar também os Srs. Fernando Mira Barros, João António Mira Galvão, José Luís Camacho Barriga e Manuel António Pereira Galvão, que ofereceram valiosas peças de Beringel.

E aqueles que na imprensa nos têm apoiado, incitando-nos a levar por diante a obra começada, fazendo propaganda do museu e da cidade? — Dr. Paulo Caratão Soromenho, José Rosa de Araújo, José Pérez Vidal, João Arnaldo Maia, Amândio César, Nuno Teixeira Neves, Ruben Andresen Leitão, Ercílio de Azevedo, Roger Lecotté, José Régio...

E aqueles que de viva voz ou por meio de cartas nos encorajam e ajudam a que cada vez mais fundo se radique em nós a convicção de que o Museu de Cerâmica Popular Portuguesa pode ser, sob todos os aspectos, um museu do maior interesse para o País? — Prof. Jorge Dias, Prof. Paiva Boléo, Dr. Ernesto Veiga de Oliveira, Prof. Fritz Krüger, Dr. António Manuel Gonçalves, Solange Parvaux, Dr. Manuel Mendes, Prof. Flávio Gonçalves, João Saavedra Machado...

E aqueles que, aqui em Barcelos, estão sempre prontos a dar a sua dedicada colaboração — trabalhando, oferecendo peças, demovendo dificuldades? Tenho estado a citar nomes ao sabor da esferográfica, mas agora o risco das omissões é maior... Vale-me saber que a necessidade de o correr é menor: Barcelos conhece os colaboradores directos do museu. (Levo adiantada uma relação do que tem sido a vida do museu desde que o etnógrafo Joaquim Sellés Paes de Vilas Boas ofereceu a colecção nuclear à Câmara, e aí, nos termos mais objectivos —



Muito figurado brasileiro não chega a ser cozido, e é por isso de uma grande fragilidade. Toda ou quase toda a cerâmica figurativa do Vale do Paraíba está nessas condições. Também foi apenas seca ao sol a figura de Cândido (Baía) aqui reproduzida. Col. Nóbrega Fontes

prestou este serviço, ofereceu aquela peça, escreveu este artigo, organizou aquela colecção, — aí, sim, procuro não esquecer nome nem facto significativo.) O Sr. Macedo Correia usou do mesmo escrúpulo... Compreende-se: teria de se incluir, teria de incluir o Adélio (a quem devemos as esplêndidas colecções de Beringel e de Cangamba)...

Feitas estas contas, mesmo por alto, são ou não são muitas as pessoas que, de uma forma ou de outra, ligaram o seu nome ao museu, tornando-se credoras da gratidão de todos os barcelenses? Como atribuir o facto a outra razão que não seja o unânime reconhecimento de que este museu é útil e necessário?

Agora, não parecerá presunção estalando pelas costuras de um mal talhado fato de falsa modéstia, o dizer que, se queremos o museu vivo e perene, devemos evitar vinculá-lo demasiado a um nome, ou até a meia dúzia de nomes. Seriam como fantasmas em que, na hora da rendição, iriam tropeçar os novos servidores... Certos casos estão aí para nos advertir de que, então, aumentaria o perigo de o museu virar necrópole bafienta.

Na sua extrema generosidade, o Dr. Caratão Soromenho, falando da actual actividade etnográfica de Barcelos, disse que já se pode falar da «escola de Barcelos»(9). Se tomávamos isto à letra! Na sua extrema generosidade, o Dr. Caratão Soromenho queria, ao que se me afigura, referir-se a um certo modo de trabalhar, talvez pouco vulgar na província. Tere-mos já formado uma equipa coesa e determinada? Estaremos a caminho disso?

Como quer que seja, existe o embrião do que pode ser um museu ímpar no País. Nóbrega Fontes, que, como todos sabem, nos vai oferecer uma belíssima e rara colecção de figurado sul-americano, prometeu oferecer conjuntamente uma pequena biblioteca de obras sobre

olaria e figurado, porque — isto é importante:— entende que o museu de Barcelos deve ser aparelhado de modo a servir os estudiosos da cerâmica popular, portugueses e estrangeiros, deve preparar-se para desempenhar cabalmente o seu papel de centro promotor de estudos sobre cerâmica popular. Uma biblioteca especializada tem sido também uma preocupação nossa, desde a primeira hora...

O museu está ainda longe do que pode e deve ser. Mas há bons sinais de que Barcelos deseja vê-lo guindado ao plano que merece. Três Câmaras se sucederam, desde que foi aberto ao público... e em vez de decair o interesse do Município pelo seu museu, verifica-se exactamente o contrário. É ou não é isto motivo para nos alegrarmos? É ou não é isto razão para todos oferecermos a colaboração que estiver nas nossas mãos oferecer?

Há problemas que só a Câmara pode resolver, e não duvidamos de que os resolverá. Mas fica ainda muito terreno onde perfeitamente cabe a iniciativa particular dos bairristas clari-videntes. Penso, por exemplo, na possibilidade de se constituir um outro grupo de trabalho, uma comissão que procurasse obter ofertas de peças de cerâmica importantes, algumas que nós mesmos podíamos indicar, algumas que se encontram dentro dos limites do concelho. Aproveito a oportunidade para lançar a sugestão... Oxalá se concretize!

1. M., *O Museu de Cerâmica Popular de Barcelos é uma realidade que já tardava*, in «Jornal de Barcelos», n.º 980, 30-1-1969, p. 1.
2. José Rosa de Araújo, *O Museu de Cerâmica Popular de Barcelos é uma realidade que já tardava*, in «O Comércio do Porto», 12-1-1969, pp. 1 e 3.
3. Procurando conciliar o que dizem os desdobráveis turísticos com o que Sant'Ana Dionísio escreveu no *Guia de Portugal*, 4.º vol., chega-se à conclusão de que Barcelos tem quatro museus. O que defendo desde há uns anos é que juntando o espólio do Grupo Alcades de Faria e o chamado Museu Arqueológico se podia sem perda sequer da individualidade de cada um (pois o primeiro é para expor em recinto coberto, e o segundo não fica mal mantê-lo ao ar livre), obter realmente um Museu de Arqueologia. Tendo em conta o Museu de Cerâmica Popular Portuguesa, Barcelos ficaria com dois museus!
4. Gerhard Bechthold, *Les musées régionaux: évolution, fonction et organisation*, in «Museum», vol. XXI, n.º 2, Paris, 1968, pp. 140-142.
5. Refiro-me ao Regimento da Junta Nacional de Educação (Decreto n.º 46 349, de 22 de Maio de 1965) e ao Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia (Decreto-Lei n.º 46 758, de 18 de Dezembro de 1965).
6. A. Jacquemart, *Les Merveilles de la Céramique*, Troisième Partie, Paris, 1869, pp. 248-249.
7. A. Marchal e E. Roobaert, *L'aide de l'État aux musées locaux*, in «Museum», vol. XX, n.º 4, Paris, 1967, pp. 286-287.
8. Na sessão solene de entrega dos prémios «Gomes Pereira» e «Rocha Peixoto».
9. *Bibliografia*, in «Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa», ano XX, n.º 1, Lisboa, Janeiro de 1969, p. 35.

biblioteca
municipal
barcelos



12128

O Museu de Cerâmica Popular
Portuguesa será uma re.